

## Fotografias da Ditadura Civil-Militar brasileira em livros didáticos de história

### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as fotografias da Ditadura presentes nos livros didáticos em circulação no Brasil no período de 1990 a 2015, a partir do ponto de vista da cultura visual. Levando-se em consideração que o livro didático de história é um produto cultural dotado de complexidade, procura-se entender o seu papel como engendrador de processos cognitivos e memoriais. Para tanto, foram pesquisados dez livros didáticos editados no período (e alguns reeditados), dos quais três são utilizados nesse artigo. Algumas mudanças na utilização e na escolha das imagens foram observadas, a exemplo da presença de retratos dos presidentes militares, muito presentes nos livros dos anos 1990, e de movimentos contrários ao regime, que passam a aparecer nas páginas dos livros dos anos 2000. O levantamento e catalogação dessas imagens poderão gerar, além de categorias de análise, novos entendimentos sobre a alteração do modo como passamos a compreender a Ditadura Militar, desde seu surgimento até o presente momento.

**Palavras-chave:** Ensino de história; Manuais didáticos; Cultura Visual; Fotografia.

### Para citar este artigo:

ETCHEVERRY, Carolina Martins. Fotografias da Ditadura Civil-Militar brasileira em livros didáticos de história. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 292 - 310. jan./abr. 2016.

**DOI: 10.5965/2175180308172016292**

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180308172016292>

### Carolina Martins Etcheverry

Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS.  
Bolsista PNPd-Capes no Programa de Pós-Graduação em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS.  
Brasil  
etchev@gmail.com

## Photographs of the Brazilian Civil-Military Dictatorship in history textbooks

### Abstract

This article aims to analyze the photographs of the Brazilian Dictatorship that are present in textbooks in circulation in Brazil from 1990 to 2015, from the point of view of the visual culture. Taking into consideration that the history textbook is a cultural product endowed with complexity, the article seeks to understand their role in the development of cognitive and memory processes. Therefore, we searched ten textbooks edited in the period (and some reissued), three of which are used in this article. Some changes in the use and the choice of images were observed, such as the presence of portraits of military presidents, very present in the books of the 1990s, and movements opposed to the regime, which now appear in the pages of the books of the 2000's. Research and catalog these images may generate categories of analysis and new understandings about the changes in the way we understand the military dictatorship, from its inception to the present time.

**Keywords:** History teaching; Text books; Visual culture; Photography.

### Apresentação

O artigo busca trabalhar as fotografias da Ditadura presentes nos livros didáticos, no período compreendido entre 1990 e os anos 2000, a fim de perceber a modificação do uso e da apresentação das fotografias ao longo desse intervalo temporal. Para tanto, foram estabelecidos dois eixos de análise, de modo a abarcar a abrangência do tema proposto. Assim, em um primeiro momento, propomos uma apresentação crítica a respeito dos livros didáticos de modo geral e, especificamente, do tratamento dado à Ditadura. Entendendo o livro didático como um produto cultural dotado de complexidade, procuramos mostrar de que modo ele atua sobre seus usuários (entendidos aqui como os alunos e os professores) como uma ponte entre o

conhecimento produzido pelos historiadores (apesar do esperado *delay* até chegar ao mercado editorial), os parâmetros estabelecidos pelo governo e as necessidades do mercado editorial. Nesse sentido, o uso de material iconográfico passou por transformações importantes ao longo dos anos, em consonância com os preceitos estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e com o avanço nos estudos no campo da imagem e da cultura visual<sup>1</sup>, havendo a necessidade de se pensar em uma alfabetização visual.

Por fim, a segunda parte deste artigo trata especificamente de fotografias cujo tema é a Ditadura e sua apresentação nos livros didáticos. Procuramos ver de que modo essas fotografias são apresentadas em períodos distintos (a saber, nos anos 1990, no início dos anos 2000) em livros didáticos voltados para os ensinos Fundamental e Médio. Além disso, buscamos entender quais imagens foram escolhidas em cada período e como elas foram trabalhadas pelos autores – se foram problematizadas ou se serviram apenas como ilustração na diagramação da página, por exemplo.

## O livro didático e as imagens

O livro didático é um instrumento pedagógico utilizado pelos professores em sala de aula como forma de suporte ao conteúdo ensinado. Dada a sua abrangência, pode ser considerado um dos principais instrumentos pedagógicos, principalmente nas escolas públicas brasileiras.

Sobre o livro didático como objeto de estudo, Kazumi Munakata (2012) afirma que

No Brasil, o trabalho de Circe Bittencourt (1993) representou o impulso inicial de uma vasta produção das décadas seguintes, na medida em que apresentou um conjunto de temas e abordagens que o objeto comportava para além da denúncia da ideologia. A tese, publicada tardiamente como livro em 2008 (...) tratava da questão do livro didático como política pública educacional, mas também enveredava em questões como a produção editorial desse objeto para o mercado, a sua inserção na escola como dispositivo constitutivo do saber e da cultura

---

<sup>1</sup> Entende-se por cultura visual o campo de estudos nascido no início dos anos 1990 que envolve a produção, a circulação e o consumo de imagens. A abundância de imagens que recebemos cotidianamente na forma de jornais, revistas e internet faz com que seja necessário refletir a fundo sobre a forma como lidamos com elas e o papel por elas desempenhado em nossa sociedade. Sobre isso, ver DIKOVISTKAYA (2006), GUASH (2005) e KNAUSS (2006).

escolar, a sua importância como suporte de disciplinas escolares (em particular, de história ensinada) e os usos e as práticas que incidem sobre esse material. (MUNAKATA, 2012, p. 183)

O livro didático pode ser entendido como um produto cultural dotado de complexidade, isso porque sua função educacional e instrutiva é mediada por vários fatores, entre eles principalmente o autor, a editora e o governo<sup>2</sup>, que estabelece parâmetros para o seu conteúdo. “Ele é, ao mesmo tempo, mercadoria, suporte de conhecimentos escolares, de métodos pedagógicos, veículo de um sistema de valores”, nos diz Circe Bittencourt (2011, p. 302).

Alain Choppin (2004) elenca algumas funções que o livro didático assume em sala de aula, entre elas a *função documental*, que podem vir a atuar no desenvolvimento do espírito crítico do aluno a partir de documentos textuais e icônicos. No que tange as imagens, é preciso que se faça uma alfabetização do olhar, ou seja, que se ensine a ver as imagens sem tomá-las como de entendimento automático. É preciso que se tenha um olhar inteligente, crítico, incisivo, através do que Lorenzo Vilches (1997) chama de enciclopédia cognitiva, que gera uma competência semântica naquele que olha.

As imagens nos livros didáticos, de acordo com Ana Maria Mauad, possuem duas funções principais: educar e instruir. Do ponto de vista educativo, a imagem “é o suporte de relações sociais simbolizando, de diferentes maneiras, valores com os quais a sociedade se identifica e reconhece como universais” (MAUAD, 2015, p. 85). O ponto de vista instrutivo é exemplificado pela autora a partir do aspecto indiciário da imagem, que tem como habilidade mostrar características de outros tempos, fazendo com que o aluno possa visualizar aspectos materiais e imateriais das sociedades do passado. Nesse sentido, as imagens dos livros didáticos devem fazer sentido para a comunidade de leitores, ou seja, tais imagens devem “atrelar seu uso à sua função na economia visual de sua época”.

As fotografias, vale lembrar, não são um objeto neutro. Elas passam por um processo de escolhas, que vai desde a câmera e o filme a serem usados até a edição da imagem para sua publicação. No meio disso tudo está o fotógrafo, ele também inserido

---

<sup>2</sup> É de 1938 a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), precursora da PNLD, criado em 1985.

na cultura de sua época, fazendo escolhas adequadas ao seu tempo. Boris Kossoy (2002) escreve sobre uma sucessão de escolhas das quais o assunto da foto é o resultado. Segundo o autor, “a imagem fotográfica é, enfim, uma representação resultante do processo de criação/construção do fotógrafo” (KOSSOY, 2002, p. 30).

Uma das características mais marcantes da fotografia é a sua natureza polissêmica. Isso quer dizer que, para além do que está representado na fotografia, temos o leitor e seu arcabouço cultural influenciando seu entendimento. Além disso, ela pode engendrar interpretações multidisciplinares, devido a seu poder evocativo. Nas palavras de Boris Kossoy,

A recepção da imagem subentende os mecanismos internos do processo de construção da interpretação, processo esse que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos. (KOSSOY, 2012, p. 44)

A fotografia pode ser entendida também como uma escolha dentre tantas possíveis. Assim, podemos perceber que uma fotografia depende fortemente do papel do fotógrafo, que escolhe para onde apontar sua câmera, assim como escolhe aquilo que vai ficar fora do quadro fotográfico. O quadro e o extra-quadro são escolhas do fotógrafo, dependendo de sua orientação ética, moral e cultural, assim como política e ideológica. A fotografia é um recorte de uma realidade que está à frente do fotógrafo, e é esse recorte que é determinado por escolhas.

As fotografias são portadoras de historicidade própria, quando estudadas em sua materialidade. Cada imagem traz em si a marca do momento do registro, do *clíc* fotográfico, e das escolhas feitas pelo fotógrafo. Os fotógrafos, nesse sentido, atuam como agentes sociais, na medida em que fazem a transposição de sua realidade social para a imagem fotográfica.

Segundo Ana Maria Mauad (2015),

O conjunto de imagens visuais que compõem um livro didático pode ser considerado como um conjunto iconográfico, ou, ainda, iconografia. A iconografia dos livros didáticos define-se, historicamente, em relação ao sistema de codificação visual composto pelas agências que concorrem

para a produção social da imagem, entre as quais: os diferentes tipos de mídia, a publicidade e as artes visuais de uma maneira geral. Atualmente, os livros didáticos de História incorporam tanto o debate acadêmico sobre o uso crítico da fonte visual pela oficina da História quanto as discussões sobre o saber histórico escolar. Utilizam-se diferentes tipos de imagens que têm como objetivo educar e, ao mesmo tempo, instruir. (MAUAD, 2015, p. 84)

A preocupação com o tratamento dado às imagens demonstra que elas não estão presentes no livro apenas como acessório ilustrativo, mas possuem função própria dentro da proposta de ensino. Alguns autores recentes têm se preocupado com o papel da imagem nos livros didáticos, iniciada por Circe Bittencourt na década de 1990, como Ana Maria Mauad (2015), Valesca de Souza Almeida (2014), e Aristeu Castilhos da Rocha (2008).

Ana Maria Mauad, em artigo sobre os usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar, faz um levantamento sobre a presença de vários tipos de imagem nos livros didáticos (mapas, fotos, ilustração histórica, pintura, cena de filme, pôster/publicidade, caricatura/quadrinhos e infográficos), buscando associar a história visual à produção de conhecimento histórico em ambiente escolar (MAUAD, 2015). Segundo a autora,

Na data de hoje há a utilização das imagens visuais, tanto para educar quanto para instruir. Na tradição pictórica ocidental, em primeiro sentido, as imagens visuais integram o conjunto de representações sociais que, pela educação do olhar, definem maneiras de ser e agir, projetando ideias, gostos, valores estéticos e morais. Compõem, hoje, o catálogo da visualidade contemporânea veiculada pela mídia impressa, televisiva, fílmica e virtual. (...) No livro didático de História a imagem visual possui também essa dupla função: sua utilização não se limita somente a ilustrar acessoriamente o conteúdo verbal. Isso impõe alguns cuidados que merecem consideração na avaliação dos usos e funções da imagem visual no livro didático de História, para qualquer público a que se destine: sejam crianças, adolescentes ou jovens. (MAUAD, 2015, p. 83)

Esse cuidado nos usos e funções da imagem no livro didático foi pensado também na pesquisa de Valesca de Souza Almeida, sobre a luta armada através dos livros didáticos. A autora analisou cinco livros do último ano do Ensino Médio, a fim de verificar a forma como as imagens da luta armada são apresentadas aos leitores. A autora critica a abordagem linear que a Ditadura recebe nos livros analisados, fazendo com que o aluno entenda o período como uma sucessão de feitos dos diferentes presidentes. Para cada

um dos cinco livros analisados, Almeida identifica as imagens representativas da luta armada, conforme segue:

Como iconografia, ainda que no parágrafo que falava da luta armada, figura uma imagem da passeata dos cem mil, em que são identificados os rostos de Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulo Autran e Gilberto Gil. (ALMEIDA, 2014, p. 10)

Em outro livro, a autora identifica a mesma fotografia da passeata dos cem mil, de manifestações de artistas de teatro, do programa Roda Viva e dos artistas da Tropicália. Há também uma fotografia de carros destruídos no atentado ocorrido em 1976 em Copacabana, uma foto de Marighella e uma fotografia retratando a repressão na missa de sétimo dia pela morte do estudante Edson Luís. A autora aponta que há questões que independem da vontade dos autores e que devem ser levadas em conta, “por exemplo, o limite de páginas para um capítulo, a diagramação, a impossibilidade de utilização de uma imagem que a editora prefere não pagar” (ALMEIDA, 2014, p. 18).

Ana Maria Mauad (2015, p. 86) elenca alguns itens que devem ser levados em conta ao se analisar as imagens dos livros didáticos. O primeiro deles é “ensejar uma compreensão histórica aprofundada do tema representado”, ou seja, não é uma imagem deslocada de significado e de relação com o texto. O segundo item é “ser historicamente identificada segundo a sua natureza (...)” e o terceiro implica “ser acompanhadas de sua procedência”, ou seja, se vem de um arquivo, de um banco de imagens, de um museu ou outro tipo de acervo. É preciso que a imagem tenha legibilidade adequada (não seja muito pequena e nem mal impressa), que seja acompanhada de “indagações críticas sobre a natureza visual da representação – pintura, foto, filme, mapa” e, por fim, que não sirva apenas de ilustração ao conteúdo apresentado no texto.

Evidência dessa preocupação com o tratamento da imagem pode ser percebida nas normativas estabelecidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em que podemos ler que se observa se o livro didático, para fins de sua análise, apresenta, dentre outros, os seguintes critérios:

ilustrações que exploram as múltiplas funções das imagens, de forma a auxiliar o aprendizado do alfabetismo visual e do ensino de História (...) imagens acompanhadas de atividades de leitura e interpretação e de interação, sempre que possível, referenciadas em sua condição de fonte para a produção do conhecimento histórico (BRASIL, 2015, p. 14).

## Fotografias da Ditadura nos livros didáticos

A escolha e o tratamento que as fotografias do período da Ditadura Militar receberam nos livros didáticos é algo que tem sofrido visível transformação ao longo dos anos. Analisamos livros didáticos de ensino fundamental e médio publicados no espaço de 20 anos, dos anos 1990 e dos anos 2000, sendo possível perceber tanto um aumento no número de imagens publicadas quanto uma diferença em relação à escolha das imagens.

Foram pesquisados ao todo dez livros didáticos, selecionados a partir dos seguintes critérios: disponibilidade (foram facilmente encontrados para a pesquisa), alcance (tem circulação nacional) e autores conhecidos (reconhecidos na área de história). Priorizaram-se aqueles livros publicados por grandes editoras, uma vez que o alcance de público seria maior com eles. Para a escolha dos livros dos anos 2000 em diante, procurou-se aliar os critérios acima indicados com as análises presentes no PNLD. Para esse artigo, apresentamos o resultado preliminar dessa pesquisa a partir de três livros, escolhidos porque seu conteúdo reflete o resultado geral da pesquisa realizada até o momento.

Ao analisarmos os diferentes livros didáticos, foi possível estabelecer algumas categorias para as fotografias escolhidas pelos autores e editores. São elas: tanques e aparatos militares, manifestações, militantes políticos e perseguidos políticos e personalidades ligadas ao regime militar. Essas categorias foram percebidas a partir da reincidência de fotografias em diversos livros, quase sempre as mesmas. São elas que consolidam o que podemos chamar de memória visual da Ditadura, ou sua iconosfera (conjunto de imagens-guia), segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (2005).

A foto de Vladimir Herzog, morto pelos agentes da repressão nas dependências do DOI-CODI de São Paulo é um desses exemplos. Nos livros didáticos, esse episódio da história do Brasil aparece de dois modos. Nos livros do início dos anos 1990 e naqueles voltados para o Ensino Fundamental, a fotografia que temos é um retrato de Herzog. A história de sua morte é contada no texto, e na edição que temos de Piletti e Piletti (2004), o aluno anotou a lápis “não sobreviveu Rubens Paiva e Vladimir Herzog”. Em livros para o



Ensino Médio, a fotografia referente à morte de Herzog é aquela que os agentes da repressão tiraram para indicar que ele teria se suicidado (abaixo à direita).

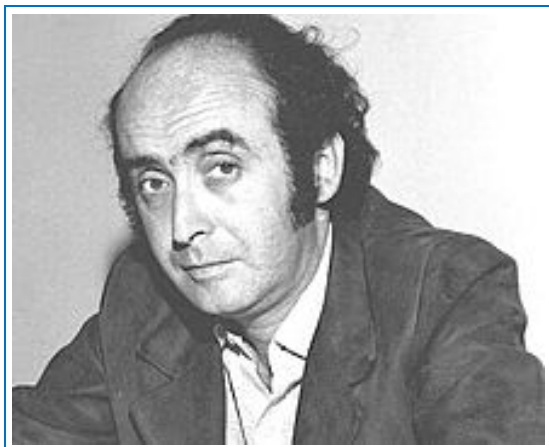


Figura 1 - Retrato de Vladimir Herzog.

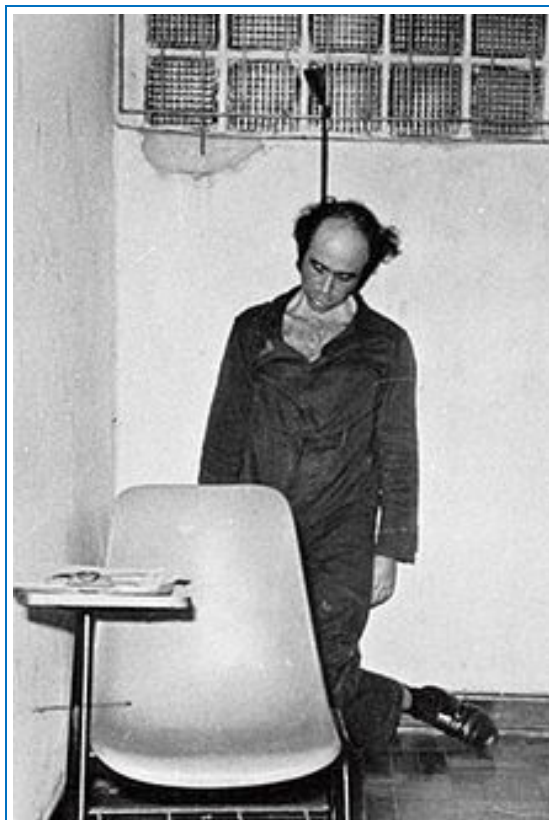


Figura 2 - Vladimir Herzog morto no DOI-CODI de São Paulo. Fotografia anexada ao Laudo de Encontro de Cadáver expedido pela Polícia Técnica do Estado de São Paulo.

A presença de aparatos militares como tanques de guerra é frequente principalmente nas imagens que acompanham o texto sobre o golpe de 31 de março de 1964. A imagem abaixo é do livro “História do Brasil: análise e reflexão”, escrito por Roberson Oliveira e publicado em 1998, no qual temos 60 páginas dedicadas à Ditadura Militar, divididas em três capítulos. Ao todo, são 24 imagens acompanhadas de legendas, como a do exemplo abaixo. Podemos ver, em primeiro plano, dois veículos militares<sup>3</sup> em uma rua em plano diagonal, seguindo a linha de prédios altos e postes de luz, dando a entender se tratar de uma grande avenida. Os veículos estão com a lotação esgotada de militares com capacetes e armas. Não se vê civis na foto, apenas militares, tanto no carro

<sup>3</sup> Os veículos são os M3-A1 Scout Car, o primeiro 4x4 blindado sobre rodas do Exército brasileiro, adquirido entre 1941-1942.

quanto na rua. A legenda diz tratar-se de “tanques nas ruas, em abril de 1964”, ou seja, logo após o golpe de 31 de março. Além disso, lemos que “mais uma vez se rompia a normalidade democrática no país”, deixando claro que a presença de militares às ruas denota uma quebra da rotina urbana, ou seja, um estado de exceção.

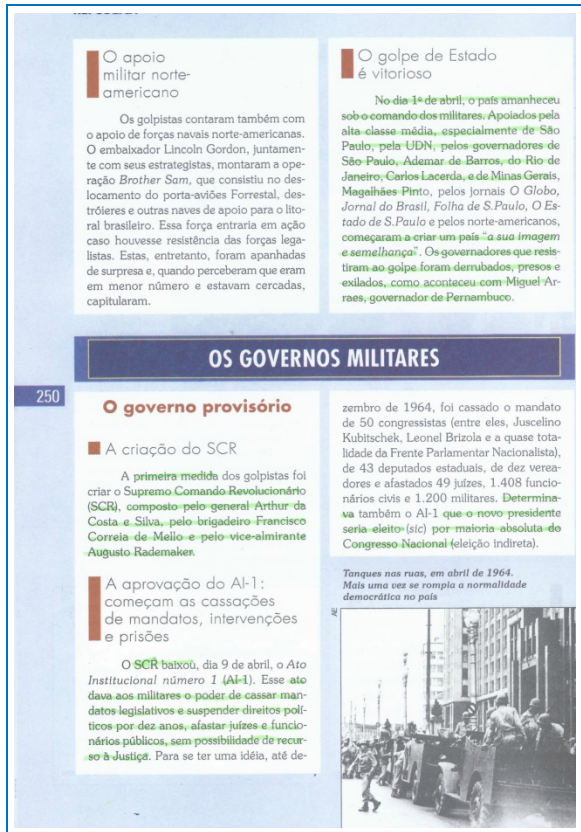


Figura 3 - Página inteira (OLIVEIRA, 1998).




Figura 4 - Veículos militares (OLIVEIRA, 1998).

Aristeu Castilhos da Rocha (2008), em sua tese sobre o regime militar nos livros didáticos de ensino médio, apresenta uma tabela elencando a presença de imagens em diversos livros desde 1978. A primeira fotografia encontrada pelo autor foi em um livro de 1979, sendo a única entre 31 imagens presentes no livro analisado: a Marcha da Família com Deus pela Liberdade<sup>4</sup>. No mesmo ano, em outro livro, aparece uma imagem do povo e do exército na rua. Na falta da imagem, podemos inferir que fosse uma fotografia da repressão a alguma manifestação. Pode-se perceber que a fotografia começa a aparecer timidamente ainda durante a vigência do regime militar.

<sup>4</sup> Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi o nome dado a uma série de marchas acontecidas entre março e junho de 1964, como resposta de setores conservadores da sociedade às reformas de base e à suposta invasão comunista.

O número de fotografias da Ditadura aumenta conforme nos distanciamos do golpe de 1964 e forma-se, nos anos 1980, um modo bastante recorrente de apresentar os anos de chumbo, presente ainda no início dos anos 1990, a partir dos diferentes governos militares, cada qual representado com uma fotografia estilo 3x4 do respectivo presidente, conforme podemos ver na figura abaixo, seguida de texto explicando os acontecimentos de cada governo.

**GOVERNO MÉDICI (1969-1974)**




Presidente general Médici.

Durante o Governo do general Emilio Garastazu Médici foi aprovado, em fins de 1971, o **I PND** (Plano Nacional de Desenvolvimento) (1972-1974), que abrangia uma série de investimentos no campo siderúrgico, petroquímico, de transporte e de energia elétrica, além do **PIN** (Programa de Integração Nacional). Esse período foi marcado por grande movimentação legislativa, que revela o dinamismo governamental: estendeu-se para 200 milhas nosso mar territorial; implantaram-se o **MOBRAL** (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e uma série de programas regionais desenvolvimentistas. Paralelamente, o Governo deu ênfase à construção de grandes obras: iniciaram-se as construções da rodovia Transamazônica e da ponte Rio-Niterói. Com todas essas iniciativas, gerou-se um clima oficial de grande euforia. Era tamanho o entusiasmo governamental que essa época ficou conhecida como o período do “**milagre brasileiro**”: a economia cresceu a altas taxas anuais, tendo como base o aumento da produção industrial, o crescimento das exportações e a acentuada utilização de capitais externos. Em contrapartida, o Governo adotou uma rígida política de arrocho salarial e montou amplo esquema de controle autoritário da sociedade. Essa ação controladora incluía, por exemplo, o exercício de uma severa **censura** aos meios de comunicação e intensa repressão policial aos opositores do regime militar. Foram mortos neste período importantes líderes de organizações guerrilheiras, como o ex-capitão Carlos Lamarca e o ex-deputado Carlos Marighella.

No plano econômico, o “**milagre brasileiro**” durou pouco porque não tinha bases sólidas para permanecer. O breve surto de crescimento econômico brasileiro estava condicionado a uma conjuntura internacional favorável, embora mo-

mentânea e excepcional. Ao desaparecer essa conjuntura favorável, com a chamada crise do petróleo iniciada em 1973, a economia brasileira sofreu brusco impacto. Por um lado, a inflação retomou seu ritmo de crescimento; por outro lado, nossa dívida externa foi-se elevando cada vez mais.

**GOVERNO GEISEL (1974-1979)**



Presidente general Geisel.

No período de Governo do general Ernesto Geisel entrou em vigor o **II PND** (Plano Nacional de Desenvolvimento), que enfatizava a necessidade de expansão da indústria de bens de produção (máquinas, equipamentos pesados, aço, cobre, fertilizantes, energia elétrica etc.), a fim de se conseguir uma sólida infra-estrutura econômica para o progresso econômico-industrial.

Com autoritarismo, o Governo assumiu o objetivo de fazer do Brasil uma **potência mundial emergente**. Mas este projeto deveria ser **comandado exclusivamente** pelo Estado, embora pudesse aceitar a colaboração “desinteressada e nunca impositiva” dos demais setores da sociedade.

Neste período estimularam-se grandes obras nos seguintes setores:

- Setor de mineração: exploração do minério de ferro da Serra dos Carajás; extração da bauxita (minério de alumínio) através da ALBRAS e da ALUNORTE.
- Setor energético: construção de poderosas Usinas Hidrelétricas, como Itaipu, Sobradinho, Tucuruí etc.; ingresso do Brasil na era da energia nuclear, marcado pelos acordos feitos com a Alemanha Ocidental para a instalação de oito reatores nucleares em nosso país.

195

Figura 3 - COTRIM, 1993.

Essa maneira de representar através de imagens oficiais um período histórico tão importante como é a Ditadura Militar para a nossa história recente, nos remete à ideia de fotografia pública. São fotografias oficiais que mostram o presidente em pose distinta, bem vestido, em evento oficial. A fotografia pública se relaciona às noções de poder e de ideologia inseridas na nova história política. Segundo Ana Maria Mauad (2013)

Os estudos sobre fotografia e história indicam que esta se torna pública para cumprir uma função política, que garante a transmissão de uma mensagem para dar visibilidade às estratégias de poder, ou ainda, às disputas de poder. (...) É, portanto, o suporte de agenciamento de uma memória pública que registra, retém e projeta no tempo histórico, uma versão dos acontecimentos. (MAUAD, 2013, p. 13)

Ao apresentar como história visual da Ditadura apenas os retratos dos presidentes militares, os autores e editores fazem uma escolha que reitera a competência e a importância desses personagens. Ao associar o período ditatorial a esses retratos (aos retratos dos presidentes) pode-se dizer que há uma produção de sentido e a formação de um capital simbólico que reitera o exercício de poder desses personagens, ainda que tal período histórico já tenha terminado.

Em livros mais recentes, ainda encontramos fotografias dos presidentes, mas em menor número e com outras perspectivas de análise. Exemplo disso é a fotografia de Geisel tirada pelo fotógrafo Orlando Britto (abaixo). Na página do livro, a fotografia aparece no canto superior direito, em tamanho pequeno. O destaque da imagem não é o presidente, mas sim a águia que, na tomada de baixo para cima, acaba por se sobrepor ao presidente, que está acenando ao povo no canto inferior esquerdo da imagem. A figura de Geisel, na fotografia em preto e branco, se mistura aos detalhes em relevo da parede do prédio em cuja sacada ele se encontra. A forma geométrica triangular da parede orienta o olhar do observador em direção à águia, que está no último e mais iluminado plano da imagem. A fotografia, apesar de ser do presidente – e, portanto, estar autorizada a circular em jornais, revistas e livros didáticos – tem como personagem principal a águia<sup>5</sup>, enfraquecendo a figura presidencial e subvertendo a ordem tradicional das fotografias oficiais dos presidentes. Em sala de aula, um professor com o olhar

<sup>5</sup> Além disso, a figura da águia remete ao famoso símbolo nazista, relacionado, entre outras ideias, ao poder absoluto que a águia estabelece em relação às suas presas.

devidamente educado em relação às imagens e àquilo que elas podem oferecer ao observador é capaz de orientar seus alunos a perceber as nuances dessa fotografia. Outra abordagem seria pesquisar sobre o fotógrafo, inserindo-o na história do fotojornalismo brasileiro, como podemos ver em seu depoimento sobre esta imagem:

Eu trabalhava no jornal O Globo e cobria o dia-a-dia do Congresso e da Presidência da República. Na época do regime militar, os presidentes viajavam praticamente toda semana. E foi justamente durante a cobertura da visita que o general Geisel fez a Vitória do Espírito Santo, que fiz essa foto, quando ele chegou à sacada do Palácio Anchieta, no centro da cidade. (BRITTO, 2013)

O próprio Médici, numa viagem ao Nordeste, reconheceu: "O país vai bem, mas o povo vai mal".  
Foi a época das grandes obras. Entre elas, a ponte Rio-Niterói e a estrada Transamazônica. Foi também nessa época que o Brasil sagrou-se tricampeão mundial de futebol no México (1970). Tudo isso era usado pelo governo militar como **propaganda** a seu favor.

**“Eu te amo, meu Brasil”**  
Assim como o Estado Novo, o governo militar também usou a propaganda para exaltar o regime, por meio de canções populares. Veja, como exemplo, a seguinte canção de Don e Ravel:

*Eu te amo, meu Brasil, eu te amo  
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-azul  
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo  
Ninguém segura a juventude do Brasil [...]*

*E o marchinho de Miguel Gustavo, tocado em todas as rádios, durante a Copa do Mundo de 1970:*  
*Noventa milhões em ação  
Pra frente Brasil do meu coração  
Todos juntos, vamos  
Pra frente Brasil  
Salve a seleção  
De repente é aquele corrente pra frente [...]*

**5 Geisel e o início da abertura política**  
Com o término do mandato de Garrastazu Médici, outro general foi indicado pelos militares para a Presidência da República: **Ernesto Geisel**, eleito indiretamente pelo Congresso Nacional.  
O presidente Geisel logo percebeu a necessidade de uma certa liberalização do regime, ou, nas suas próprias palavras, "um processo lento, gradual e seguro de aperfeiçoamento democrático". Os militares viram que a insatisfação era grande e que não era possível manter a situação por mais tempo, porque havia também pressão de governos e organizações de outros países.  
O governo começou então a afrouxar a censura. Os grandes jornais foram liberados. Permaneceu a censura aos pequenos jornais, como *O Pasquim*, *O São Paulo* (da Arquidiocese de São Paulo), etc., e às manifestações artísticas de pintores, escultores, músicos, cineastas, atores, dramaturgos, diretores, etc.  
Em 1974 houve eleições livres para senadores, deputados e vereadores, inclusive com debate entre candidatos na televisão.

**Mortes no II Exército**  
Os serviços de informação e segurança continuavam atuantes, procurando e prendendo opositores do governo, acusando-os de comunistas. Em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog foi preso e torturado até a morte nas dependências do II Exército, em São Paulo. O fato teve grande repercussão.  
Na catedral da Sé, em São Paulo, o cardeal D. Paulo Evaristo Arns promoveu um culto eucarístico pela memória de Herzog, com grande presença popular. A população voltava a participar. Três meses depois, em janeiro de 1976, o operário Manuel Fiel Filho teve o mesmo destino de Herzog.  
Essas mortes representavam a ação de forças militares descontentes com a abertura do regime que o presidente Geisel encaminhava e favoreceram ao aumento da repressão. Como reação a essas forças mais repressivas, o general Geisel começou a exercer um controle maior sobre as forças de segurança. Uma de suas medidas foi a demissão do comandante do II Exército, responsável pela unidade militar onde ocorreram as mortes de Herzog e Manuel Fiel Filho.

A DITADURA MILITAR 157

Figura 6 - PILETTI e PILETTI, 2004



Figura 7 - Geisel fotografado por Orlando Britto.

Podemos fazer uma análise comparativa dos livros de Nelson e Claudino Piletti, autores conhecidos por sua coleção História e Vida, uma vez que a mesma coleção vem sendo editada há décadas, sempre com revisões feitas pelos autores. A Ditadura Militar está presente no segundo volume da coleção para o Ensino Fundamental, tanto na edição de 1991 quanto na edição de 2004, ambas publicadas pela editora Ática.

Na edição de 1991, a Ditadura Militar é apresentada no capítulo 11, contando com nove páginas e 10 fotografias (três delas coloridas<sup>6</sup>). Na edição de 2004, a Ditadura Militar está no capítulo 17, com 12 páginas e nove fotografias (nenhuma colorida). Apesar de parecer que houve um retrocesso, pois a edição mais nova tem uma imagem a menos e nenhuma em cores, a diagramação da edição de 2004 favorece muito mais a análise e a reflexão sobre as fotografias, uma vez que elas estão maiores e mais bem localizadas na página.

Apesar de o texto continuar a ser apresentado de modo linear a partir do governo de cada presidente, as imagens escolhidas para a edição de 2004 permitem que o aluno perceba de modo mais claro a resistência que foi oferecida por parte da sociedade brasileira. Não há, como na edição de 1991, nenhuma imagem que ilustre o milagre econômico conseguido pelos governos militares, como a fábrica de celulose do Projeto Jari e a Vista da ponte Rio-Niterói usadas com esse fim.

As passeatas e manifestações são, de um modo geral, símbolo da resistência da população civil, aparecendo com grande frequência nos livros didáticos. Assim, a Passeata dos Cem Mil e as manifestações pela Anistia são fotografias que servem de exemplo da insatisfação popular, como podemos ver abaixo, à esquerda.

Fotografias da Marcha dos Cem mil são bastante frequentes nos livros didáticos, como podemos atestar a partir dos exemplos acima (figura 7 e 8). Frequentemente são tomadas aéreas, nas quais é possível perceber a presença de uma grande quantidade de pessoas com faixas (que não é possível ler), circulando em uma rua que aparenta ser em região central da cidade devido à presença de prédios altos.

Na legenda do livro *História e Vida*, de 2004, lemos que

A morte do estudante Edson Luís fez com que as manifestações contra o governo se tornassem mais amplas, abrangendo vários setores da sociedade, como a classe média. A Passeata dos Cem mil, realizada no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1968, foi o ponto alto dessas manifestações. (PILETTI e PILETTI, 2004, p. 154)

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que a fotografia em cores não era muito comum nessa época, uma vez que as imagens eram destinadas, de modo geral, a aparecer em jornais e revistas que não as publicavam em cores.



Figura 8 - PILETTI e PILETTI (1991).



Figura 9 - PILETTI e PILETTI (2004).

O outro lado dessas manifestações, ou seja, a violência perpetrada pelo governo de modo a reprimi-las, não era muito frequentemente mostrado nos livros didáticos dos anos 1990. Nos exemplares estudados até agora, podemos perceber que a escolha das fotografias é feita para que a repressão não seja mostrada com toda a sua força. No livro de 1991, temos uma fotografia genérica mostrando o prédio sede da UNE no Rio de Janeiro, e um ônibus cheio de estudantes presos no XXX Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Nessa fotografia (acima), vemos os estudantes, de dentro do ônibus, oferecendo as mãos às pessoas fora do ônibus. No primeiro plano, uma freira oferece suas mãos a uma estudante, mostrando seu apoio.

No livro de 2004, temos fotografias mais explícitas, nas quais aparecem agentes repressivos, como na fotografia abaixo, também do Congresso da UNE. Vemos em primeiro plano quatro agentes da polícia, caracterizados pelos uniformes e capacetes, reunidos em círculo. No segundo plano, temos vários jovens estudantes, alguns em pé, outros sentados. Ao fundo, crianças, um ciclista, um caminhão. Na legenda, lemos que

Os estudantes tiveram uma participação importante na oposição ao regime militar. A União Nacional dos Estudantes foi dissolvida já em 1964, mas, mesmo assim, continuou a atuar na ilegalidade. Em 1968, entre os estudantes presos no XXX Congresso da UNE estavam os principais líderes estudantis. (PILETTI e PILETTI, 2004, p. 154)

## À guisa de conclusão

Não pretendemos esgotar, por óbvio, o assunto que envolve as fotografias nos livros didáticos, mas oferecer alguns caminhos para a sua pesquisa, a partir da análise dos capítulos de livros que envolvem o tema da Ditadura Militar. Escolhemos esse recorte por se tratar de um momento importante na história brasileira que vem sendo pesquisado com mais profundidade nos últimos anos.

No que tange o tratamento das fotografias, tentamos perceber de que modo houve uma mudança na seleção e apresentação das imagens, levando em conta tanto a distância temporal do final do regime militar quanto as novas necessidades mercadológicas e os parâmetros estabelecidos pelo governo federal. Há uma maior consciência de que a imagem é engendradora de significados e que deve ser trabalhada em conjunto com o texto, a fim de que se possa gerar significado e conhecimento a partir dessa união.

É preciso incentivar autores e professores a problematizar e contextualizar as imagens, apresentando-as como artefatos dotados de historicidade, e não apenas como um atestado de veracidade, uma ilustração, um “tapa-buraco” na diagramação. Ao contextualizá-las, professor e aluno atribuem sentido a períodos históricos a partir de um repertório visual que faz parte da sociedade. A circulação de imagens se dá não apenas nos livros didáticos, mas em outros meios como o jornal e a internet, fazendo com que seja importante a educação do olhar, para que se possa olhar criticamente, complementando o que se lê com o que se olha, buscando as intencionalidades do autor e do fotógrafo.

Uma das principais diferenças que foi possível perceber ao longo dessa pesquisa foi justamente em relação ao tratamento dado ao produtor da fotografia, ou seja, ao fotógrafo. Ainda que ele não seja referido de modo explícito no texto – o que poderia



enriquecer o estudo a respeito desse período histórico – ele passa a ter seu nome indicado ao lado da imagem, como é o caso de Orlando Britto, Juca Martins, Júlio Bernardes, Vicente Carelli e J. Albuquerque. Muitos desses nomes compõem a história do fotojornalismo brasileiro, ao lado de suas agências, como a F4 e a Ágil. Ao referenciá-los, ainda que apenas seus nomes, sem sua história ou a história das imagens, os editores responsáveis pelas publicações estão atribuindo-lhes outra camada de significação, abrindo um possível caminho para o professor.

Além disso, há uma notável diferença na escolha das imagens, deixando de lado o desfile de retratos de presidentes e personalidades do regime militar, passando a mostrar de modo mais explícito o outro lado, a oposição ao governo. Nessa esteira, a repressão aparece de modo mais visual do que antes, quando era representada a partir da música, da literatura e do teatro.

As imagens são parte importante na formação memorial da Ditadura, uma vez que, além de registros de fatos do passado, elas servem para ativar naquele que a observa um processo de rememoração. Tal processo contribui para a projeção de um futuro melhor para a sociedade, principalmente em se tratando de eventos traumáticos. No caso das fotografias da Ditadura, esperamos que, ao estudá-las de maneira aprofundada e crítica, possamos estar contribuindo para esse processo de rememoração em busca de um futuro melhor, na esperança de que as injustiças do passado não mais se repitam.

## Referências

ALMEIDA, Valesca de Souza. A luta armada através dos livros didáticos. **Revista Contemporânea**, ano 4, n. 5, v. 1, p. 1-23, 2014.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

Brasil. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNLD. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2015.

BRITTO, Orlando. **Ernesto Geisel: o “alemão”**. Disponível em <<http://www.orlandobrito.com.br/>> . Acesso em 29/02/2016

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, set./dez., 2004.

COTRIM, Gilberto. **História do Brasil: para uma geração consciente**. Editora Saraiva: 1993.

DIKOVITSKAYA, Margaret. **Visual culture**. Cambridge: MIT Press, 2006.

GUASCH, Anna Maria. Doce reglas para una Nueva Academia: la “nueva historia del arte” y los estúdios audiovisuales. In: BREA, Jorge Luis (Org). **Estudios visuales: la epistemología de la visualidade en la era de la globalización**. Madri: Ediciones Akal, 2005.

KNAUSS, Paulo. “O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual”. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica **Revista Brasileira de Mídia**, v. 2, n. 2, p.11-20. jul. /dez., 2013.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **Revista Hist. Educ.** [online]. Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 81-108, set./dez., 2015.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S. C. (Orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33- 56.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez., 2012.

OLIVEIRA, Roberson. **História do Brasil: análise e reflexão**. São Paulo: FTD, 1997.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e vida – Brasil: do primeiro reinado aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e vida**. São Paulo: Ática, 1991.

ROCHA, Aristeu Castilhos de. **O regime militar no livro didático de história do ensino médio** : a construção de uma memória. 2008 Tese (Doutorado em História) - Pontifícia

Fotografias da Ditadura Civil-Militar brasileira em livros didáticos de história  
*Carolina Martins Etcheverry*

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História,  
Porto Alegre, 2008.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1997.

Recebido em 29/02/2016  
Aprovado em 29/04/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Programa de Pós-Graduação em História - PPGH**

Revista Tempo e Argumento  
Volume 08 - Número 17 - Ano 2016  
tempoeargumento@gmail.com